

**O /R/ EM POSIÇÃO DE CODA SILÁBICA NA CAPITAL DO INTERIOR PAULISTA:  
UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA<sup>1</sup>**

*Cândida Mara Britto LEITE<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este trabalho apresenta o resultado de uma pesquisa que buscou investigar a variação de um segmento lingüístico do falar campineiro: o /R/ em posição de coda silábica. A hipótese que norteou a pesquisa é que o rótico está em um estado mais avançado, se comparado a outras cidades do interior paulista, no que se refere ao enfraquecimento desse segmento, tendendo à vocalização ou ao apagamento. Esse enfraquecimento seria o responsável pela impressão, de oitiva, dos informantes que julgam pronunciar uma variante de /R/ avaliada como “intermediária” e indicada como característica do falar campineiro. Os resultados alcançados nesta pesquisa mostram que há variação lingüística do rótico e que a variante mais freqüente é o /R/ caipira. Esse resultado contraria a alegada existência de um /R/ característico do falar campineiro.

**Palavras-chave:** sociolinguística, língua portuguesa – variação, /R/ caipira.

**Abstract:** *This work investigates the variation related to a linguistic segment of Campinas native accent: /R/ in syllabic coda position. The hypothesis that guided this research is that the rhotic is in a more advanced state than in other cities in the countryside of São Paulo as regards its attenuation, which causes it to be either vocalized or erased. This attenuation would be the responsible for the hearsay impression of the informants who believe to utter a variant of /R/ assessed as “intermediate” and seen as proper to Campinas native accent. The results evidence that there is linguistic variation of the rhotic and that the most frequent variety is caipira /R/. This finding contradicts the alleged existence of a typical Campinas /R/.*

**Keywords:** *sociolinguistic, portuguese language – variation, caipira /R/.*

---

<sup>1</sup> Este artigo apresenta parte dos resultados da Tese de Doutorado intitulada “O /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro” apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas e defendida em 24 de fevereiro de 2010, sob a orientação da Prof<sup>á</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tânia Maria Alkmim. Para a condução da pesquisa realizada durante o Doutorado, a autora contou com financiamento do CNPq (processo nº 141365/2004-8, durante o período de 01/05/2004 a 28/02/2005) e da Capes, através do programa interno de ajuda de custo da UESB, durante o período de junho de 2008 a fevereiro de 2010.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* Vitória da Conquista. E-mail: [candidamara@gmail.com](mailto:candidamara@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa que buscou investigar (i) a realização e possível variação do /R/ em posição de *coda* silábica em dados de fala da cidade de Campinas e (ii) as atitudes manifestadas pelos informantes campineiros a respeito da pronúncia desse segmento.

O interesse em estudar a possível variação do /R/ em posição de *coda* silábica em dados de fala da cidade de Campinas surgiu a partir do estudo desenvolvido por Leite (2004) e dos depoimentos dos quatro informantes<sup>3</sup> que fizeram parte da enquete desta pesquisa – dois deles entrevistados exclusivamente para este trabalho e outros dois que já tinham sido entrevistados anteriormente por Leite (2004) e que foram recontactados, em janeiro de 2007, com o objetivo de complementar a coleta de dados que serviu para fomentar as hipóteses desta pesquisa.

No estudo de Leite (2004), a partir dos dados coletados junto a oito graduandos da Unicamp oriundos da cidade de São José do Rio Preto e residentes em Campinas – alunos que estavam chegando a Campinas e aqueles que estavam na cidade há pelo menos quatro anos –, foi possível observar que os graduandos concluintes procuravam acobertar a pronúncia do dialeto caipira – típica da sua cidade de origem – e, nesse sentido, privilegiavam variantes que consideravam menos marcadas, como a vogal colorida, por exemplo. Segundo esses informantes, essa alteração seria influenciada pelo /R/ “intermediário” de Campinas. Alguns campineiros, também entrevistados, argumentavam que o falante natural de Campinas possuía uma fala “intermediária”, menos marcada que a de outras cidades do interior paulista.

---

<sup>3</sup> Os informantes foram: (i) LF, 26 anos de idade, sexo masculino, superior incompleto; (ii) SA, 37 anos de idade, sexo feminino, superior completo; (iii) CM, 50 anos de idade, sexo feminino, superior completo e (iv) CJ, 45 anos de idade, sexo masculino, superior incompleto. Os dados dos dois primeiros informantes compuseram o *corpus* da pesquisa de Leite (2004), como dados “controle”, e os dois últimos são aqueles que foram entrevistados apenas para esta pesquisa. Segue, adiante, uma descrição mais detalhada desses informantes.

A enquete que precedeu a coleta de dados principal desta pesquisa (realizada junto a 2 informantes – ambos adultos, sendo 1 do sexo masculino, 45 anos de idade, com nível de instrução superior incompleto (identificado como CJ) e 1 do sexo feminino, 50 anos de idade, com nível de instrução superior completo (identificada como CM), além dos novos dados gravados com a informante SA – foi realizada mediante entrevista que seguiu um roteiro composto por questões que versavam sobre diferenças dialetais. As questões formuladas em momento algum faziam referência ao aspecto lingüístico que constitui o objeto de investigação da pesquisa e, mesmo assim, todos apontaram o caráter estigmatizado do /R/ típico do interior paulista e a diferença entre essa pronúncia e aquela que caracteriza o /R/ campineiro.

Nessas entrevistas, os informantes afirmaram que o campineiro pronunciava um /R/ menos marcado que aquele característico do dialeto paulista. Segundo alguns desses informantes, esse /R/ seria “intermediário”. Em entrevista realizada com campineiros, ao serem convidados a opinar a respeito de uma possível caracterização do falar campineiro, responderam:

(1)

LF (M – 26 anos): é o meio termo entre o / o caipira e o paulistano ((risos)) /.../ é intermediário (++) não é muito arrastado mas também não é muito certinho (+) não é muito:: eu não tô sabendo / eu não tô sabendo explicar direito a:: / o jeito de falar do campineiro (+) mas é / é uma coisa que você não fala: um /R/ muito forçado (+) é:: muito ACENTUADO como:: fala:: alguém mais do interior e também eles não fala um /R/ muito CORTADO como fala alguém da / da capital (+) eu percebo que o:: / o: paulista ele gosta de alonga:r as: consoantes e o paulistano ele gosta de cortar elas no meio

Ou, ainda:

(2)

SA (F – 37 anos): eu acho que é mais interiorana (+) levemente mais interiorana (+) eu acho que ela recebe mais influência do interior

Quanto à cidade de Campinas, sabe-se que é atribuído a essa cidade o título de capital do interior paulista. Essa designação é encontrada em notícias veiculadas no jornal *Correio Popular*<sup>4</sup> em edição especial de comemoração do aniversário da cidade, por exemplo. Campinas é a única Região Metropolitana cujo núcleo não é também capital estadual. O economista Ulysses Semeghini (1991) afirma que a cidade de Campinas ocupa uma posição de “interface” (entre o interior e a capital), distinguindo-se das demais cidades do Estado de São Paulo e cumprindo a função de antecipar para o interior as transformações nos padrões sociais e urbanísticos próprios da industrialização e as transformações que inicialmente manifestavam-se na capital.

Considerando as afirmações dos informantes a respeito de uma pronúncia “intermediária” e da posição ocupada por Campinas no cenário econômico, político e social é que se questiona se, em relação ao aspecto lingüístico que aqui se discute – a variação do /R/ em posição de coda silábica –, Campinas estaria, também nesse âmbito, à frente das demais cidades do interior paulista, isto é, em um “estágio mais avançado” em se tratando do processo de variação lingüística do rótico que se suspeita ocorrer, semelhante ao que ocorre nas capitais brasileiras citadas na pesquisa realizada por Callou *et al.* (2002). Uma das hipóteses que norteou a pesquisa, portanto, é que o rótico que ocupa a posição de coda silábica no falar campineiro encontra-se em um estado mais avançado no que se refere ao enfraquecimento<sup>5</sup> – tendendo à vocalização ou

---

<sup>4</sup> *Correio Popular*, 14 de julho de 2003, p. 19.

<sup>5</sup> O estudo realizado por Callou *et al.* (1996) indica a ocorrência do zero fonético (ou apagamento) do rótico em posição de coda silábica, especialmente em verbos, em dados do dialeto do Rio de Janeiro. A investigação feita por Soares e Leite (2007) com dados de fala de uma cidade do interior paulista – dados de São José do Rio Preto (SP) – confirmaram a análise feita por Callou *et al.* (1996). Devido a resultados como esses, evitou-se o uso de verbos para a montagem do design experimental do *corpus* desta pesquisa.

ao apagamento – desse segmento, mesmo em posição interna, se comparado a dados de outras cidades do interior paulista analisados por Amaral (1920), Rodrigues (1974), Head (1973, 1978), Leite (2004), Guiotti (2002), por exemplo<sup>6</sup>. Paralelo a esse processo, há a estigmatização do /R/ caipira por parte da comunidade local<sup>7</sup>, bem como por falantes naturais de cidades do interior de São Paulo, que pode contribuir para acelerar o referido processo. Esse enfraquecimento seria o responsável pela impressão, de oitiva, daqueles que julgam pronunciar uma variante de /R/ avaliada como “intermediária” e indicada como característica do falar campineiro.

É preciso estar atento ao jogo social que delinea – e é delimitado – no âmbito da sociedade. Vários são os fatores que aproximam a cidade de Campinas de uma capital e que a distancia de uma cidade do interior. Um ponto interessante que apareceu nas entrevistas diz respeito à estereotipização e à avaliação do indivíduo a respeito do seu falar. O campineiro argumenta que fala um /R/ “intermediário”. Falará mesmo? Poder-se-ia hipotetizar, ainda, que o campineiro apenas idealize essa pronúncia, de forma semelhante ao que foi registrado por Peter Trudgill (1974), em que o informante se vê como quem utiliza a forma a que aspira, forma esta que, para ele, é prestigiosa. Resultado semelhante foi obtido por Labov (1966). Estudos como esses nos fazem pensar em possíveis interpretações para a questão que norteia esta pesquisa – questão surgida a partir de uma afirmação recorrente na fala dos campineiros entrevistados em enquete. No julgamento deles, o falar campineiro caracteriza-se por um /R/ intermediário. Alguns deles afirmaram, também, que é típico do campineiro tentar ocultar a sua “caipirice”. Tal declaração pode ser entendida se se considera a larga estereotipização que envolve esse assunto.

---

<sup>6</sup> Os estudos realizados por Amaral (1920), Rodrigues (1974), Head (1973, 1978), Leite (2004), Guiotti (2002), entre outros, apontam para a vitalidade do /R/ caipira em dados de fala do interior paulista.

<sup>7</sup> Conforme demonstrado em Leite (2004).

A partir dessas proposições, buscou-se analisar o processo de variação lingüística do /R/ em posição de coda silábica medial e final que parece ocorrer em Campinas.

#### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O *corpus* desta pesquisa foi composto por dados de doze informantes naturais de Campinas. As variáveis sociais consideradas para seleção dos informantes foram: gênero, faixa etária e grau de escolaridade, selecionadas da seguinte maneira:

Sexo: feminino e masculino;

Faixa etária: (1) 20 a 30 anos; (2) 37 a 47 anos; (3) acima de 54 anos de idade. Foi estipulado um intervalo de sete anos entre as faixas etárias;

Grau de escolaridade: médio e superior, concluído ou em curso<sup>8</sup>.

Esses dados foram coletados mediante entrevista semi-diretiva (baseadas em dois roteiros: o primeiro com questões relacionadas à cidade de Campinas e às atividades dos informantes e o segundo composto por questões de cunho lingüístico) e através da leitura de sentenças e de palavras inseridas na frase-veículo: “diga \_\_\_\_\_ pra ela”. As palavras e pseudo-palavras selecionadas foram:

<b>Vogais</b>	<b>CodaMedial</b> / 'tVR. CV/	<b>Coda Final</b> /CV. 'tVR/
/a/	Tarto	Qatar
/e/	Terto	Bater
/i/	Tirto	Tatir
/o/	Torto	Tutor
/u/	Turta	Tutur

Quadro 1 - Palavras e pseudo-palavras selecionadas para compor o design experimental

<sup>8</sup> Os informantes selecionados foram: (i) com grau de escolaridade médio: MC (F – 23 anos), GP (M – 20 anos), CL (F – 47 anos), JC (M – 46 anos), LH (F – 54 anos), JP (M- 56 anos) e (ii) com grau de escolaridade superior: TG ( F – 20 anos), OE ( M- 29 anos), LB ( F – 37 anos), EG (M – 37 anos), JB ( F – 56 anos) e AL ( M – 68 anos). As letras F e M referem-se ao sexo: feminino e masculino.

Alguns critérios foram utilizados ao selecionar essas palavras para montagem desse design experimental:

As palavras-alvo, tanto as que se encontram nas sentenças quanto as que foram inseridas nas frases-veículo, são dissílabas e são compostas por cinco fonemas;

A seqüência CVR é portadora do acento principal da palavra;

A consoante oclusiva surda dental – /t/ – sempre ocupa o onset da seqüência /tVR/;

As vogais /a/, /e/, /i/, /o/ e /u/ antecedem /R/.

As palavras que compõem o *corpus* foram lidas, em ordem aleatória, por todos os informantes em três repetições para cada estímulo – sentenças e frase-veículo – em taxa e intensidade habituais. Além das palavras-alvo, foram acrescentadas ao *corpus* palavras e sentenças distratoras que intercalaram as listas de palavras e sentenças lidas pelos informantes.

Os dados foram gravados em uma sala acusticamente tratada no Estúdio de Gravação do Instituto de Estudos Linguagem (IEL/Unicamp). A captação dos dados foi feita através de um microfone AKG, [modelo 420 PP headset], conectado a uma placa de som externa com pré-amplificação da M-Audio, [modelo MobilePre Usb]. Essa placa foi conectada a um computador portátil Toshiba, [modelo M-45 Satellite,]. Para a gravação, foi utilizado um software livre de gravação e edição de áudio, o Audacity, a uma taxa de amostragem de 22050 Hz. Esses dados foram segmentados, anotados e submetidos à análise acústica.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As variantes encontradas nos dados dos doze informantes foram divididas em duas amostras: amostra 1 e amostra 2. Essa divisão foi feita em função do comportamento dos informantes durante a coleta de dados e das variantes encontradas na fala de cada um deles.

A amostra 1 é composta por dados de nove informantes. A amostra 2 é formada por dados de três informantes. Esses informantes apresentaram um comportamento peculiar durante a co-

leta de dados. Neste texto, serão apresentados apenas os resultados encontrados nos dados dos informantes que compõem a amostra 1.

A análise acústica das 540 repetições<sup>9</sup> do /R/ em coda silábica medial e final que compõem a amostra 1 revelou a predominância da variante /R/ caipira, tanto na fala de informantes circunscritos na faixa etária 1 quanto para aqueles localizados na faixa etária 3.

A figura 1 traz um gráfico que resume a distribuição das variantes encontradas no *corpus* que compõe a amostra 1. Como é possível observar, a variante mais frequente é o /R/ caipira, seguida pela vogal rotacizada. Registra-se, ainda, a realização do /R/ vocalizado, encontrada apenas nos dados de dois informantes.

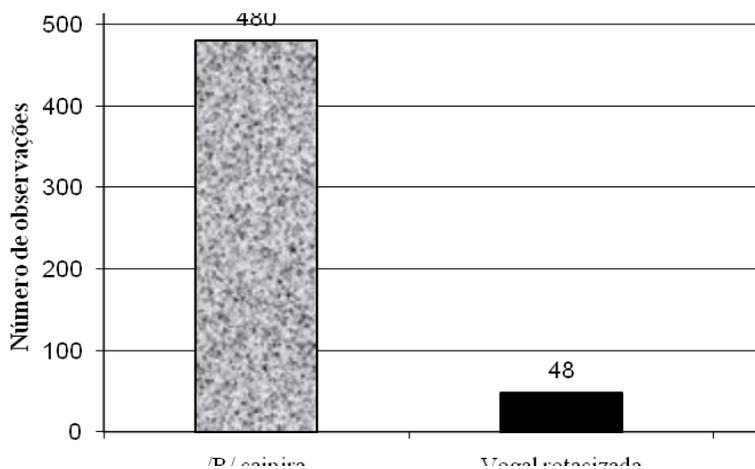


Figura 1- Distribuição das variantes no *corpus*

<sup>9</sup> Esse número corresponde ao total de ocorrências do /R/ nos dados dos nove informantes. As 60 repetições do /R/ para cada informante (sendo 30 em coda medial e 30 em coda final) distribuem-se em função das cinco vogais selecionadas, conforme ilustra o quadro 1. Um número pequeno de ocorrências foi desprezado em função da qualidade do dado.

## O FATO LINGÜÍSTICO E OS DEPOIMENTOS: APARENTE INCONGRUÊNCIA

A análise acústica dos dados revela que, ao contrário do que foi suposto, a variante que prevalece – encontrada em 90,6 % dos dados analisados – é o /R/ caipira. Há variação, uma vez que essa não é a única variante do /R/ em coda silábica medial e final, mas o número expressivo de realizações do /R/ caipira afasta a hipótese de apagamento, já que nenhuma ocorrência foi encontrada, ou de vocalização – que corresponde a apenas 0,4% da amostra. Há, ainda, um número reduzido da variante vogal rotacizada, que é avaliada positivamente pelos informantes.

Por meio dos depoimentos, verificou-se que, dos doze informantes entrevistados, sete deles afirmaram que o rótico do falar campineiro é distinto daquele que indicam como típico do interior paulista, e outros dois alegaram ainda que não percebem diferença entre a pronúncia do /R/ campineiro e do /R/ característico do paulistano, uma vez que são iguais. Na tentativa de estabelecer a alegada distinção, os segmentos produzidos pela maioria dos informantes não diferem entre si. Ou seja, a maioria deles produziu o /R/ caipira ao demonstrar a pretensa diferença, como mostram os espectrogramas que serão apresentados adiante.

Os trechos dos depoimentos dos informantes AL (M – 68 anos) e JC (M – 46 anos) fazem referência a uma variante de /R/ que seria típica do falar campineiro. Essa variante é qualificada como “suave” e “intermediária”. Os espectrogramas AL 1 e JC 1 reproduzem as produções do rótico proferidas por esses dois informantes quando eles demonstraram qual era a pronúncia do /R/ campineiro.

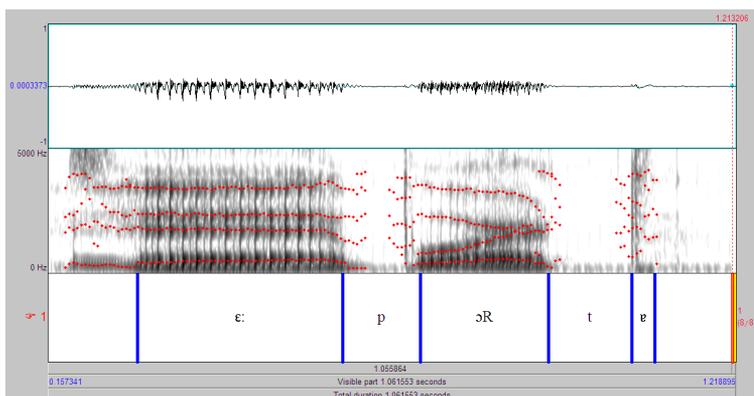


Figura 2 - Espectrograma AL 1: *porta*

Como pode ser verificado no espectrograma AL 1 (figura 2), onde se lê “é porta”, a frequência do F3 é baixa e se aproxima do F2 na posição final da trajetória /VR/ - vogal. Esse correlato acústico foi mobilizado nesta pesquisa para caracterizar o /R/ caipira. Assim, ao tentar produzir o erre “suave” do falar campineiro, a variante mais freqüente e estigmatizada é que é proferida: o /R/ caipira.

O espectrograma JC1 (figura 3), onde se lê “porta”, também não difere muito do padrão ilustrado no espectrograma AL 1. Desse modo, assim como no anterior, a variante emitida foi o /R/ caipira, mas produzido com um volume menor, já que a intenção do informante é caracterizar o erre do campineiro, que seria mais suave do que o erre puxado das demais cidades do interior paulista. Entretanto, as demais ocorrências do rótico na amostra de fala desse informante são produzidas normalmente, sem a preocupação em suavizar a pronúncia.

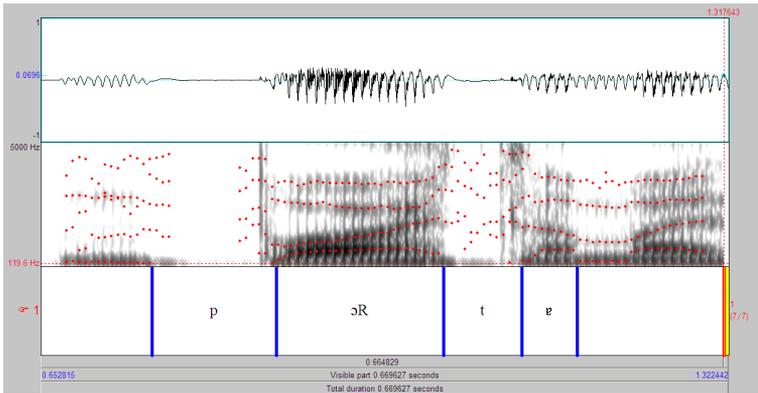


Figura 3 - Espectrograma JC 1: *porta*

O /R/ caipira é estereotipado e os informantes, como quem procura se distanciar das opiniões e crenças que fomentam esse estereótipo, requerem para si uma pronúncia distinta dessa que é estigmatizada como feia, carregada, puxada, entre outros rótulos. Os informantes refletem sobre a pronúncia desse segmento lingüístico, emitem opiniões, mas quase todos afirmam que “o outro” – o piracicabano, por exemplo – é que tem o erre mais puxado e que melhor representa o sotaque do interior paulista. Com afirma Romaine (1996, p. 35) “la gente manifiesta opiniones rotundas sobre los acentos, incluida la idea de que son siempre otros los que tienen ‘acento’ y nunca uno mismo”

Assim, ao confrontar os resultados obtidos através das análises acústicas dos dados com aqueles alcançados por meio da análise das atitudes manifestadas nos depoimentos dos informantes, observa-se que há uma desarmonia entre o que é dito e o que é produzido. Entretanto, pode-se pensar que essa dissonância ou falta de coincidência é apenas aparente, uma vez que os falantes se vêem como se realizassem a forma a qual julgam prestigiosa e que almejam produzir, assim como foi verificado nos estudos realizados por Labov (1966) e Trudgil (1974), por exemplo.

Ao analisar os dados de fala dos novaiorquinos, Labov (1966, p. 315) afirma: “we shall see that when the average New Yorker reports his own usage, he is simply giving us his norm of cor-

rectness”. A análise dos dados dos campineiros apresentadas neste trabalho indica que os informantes de Campinas, assim como os de Nova Iorque, não ouvem o som que produzem – o /R/ caipira –, mas sim a norma que impõem a si mesmos, confirmando, portanto, a segunda hipótese apresentada neste trabalho.

#### A VITALIDADE DO /R/ CAIPIRA

Amaral (1920, p. 42) previu o desaparecimento do dialeto caipira, “em prazo mais ou menos breve”. Para o autor, o crescimento da população, o desenvolvimento do comércio, o contato da província de São Paulo com outras localidades, entre outras causas, contribuíram para que o dialeto caipira sofresse grandes alterações já em 1920; estando fadado, então, à extinção. Entre os traços lingüísticos que caracterizam o referido dialeto, destaca-se o /R/ caipira – segmento lingüístico objeto da pesquisa que origina este trabalho. O desaparecimento desse segmento também é sinalizado por Cunha (1968).

Apesar dessas previsões, as pesquisas realizadas por Rodrigues (1974), Head (1973, 1978), Guiotti (2002) e Castro (2009) indicam que a realização do /R/ caipira no dialeto paulista permanece consistente. O trabalho de Castro (2006), baseado em dados de Minas Gerais e do Paraná, também confirma essa assertiva. Entre esses estudos, vale destacar os resultados obtidos por Castro (2009) por serem mais recentes.

Nessa pesquisa, a autora contou com dados do ALiB – Atlas lingüístico do Brasil – referente a dez localidades do interior paulista<sup>10</sup>. O objetivo foi verificar a ocorrência do /R/ caipira em coda medial e final. A análise desses dados mostra que a variante denominada retroflexa corresponde a mais de 80% das realizações encontradas, tanto em coda média quanto em coda final. Nesse

---

<sup>10</sup> Os dados foram coletados nas seguintes cidades: Araçatuba, Andradina, Araraquara, Bauru, Botucatu, Campinas, Ibitinga, São José do Rio Preto, Sorocaba e Piracicaba. De cada uma dessas localidades, foram inquiridos quatro informantes, sendo dois de cada sexo, com escolaridade até a oitava série e distribuídos, de maneira igual, em duas faixas etárias: de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos de idade. O montante de dados analisados foi 1153 ocorrências.

resultado foram excluídos os casos de realização zero. Os valores encontrados, em coda medial e final, para os dados coletados na cidade de Campinas foram: 82% e 84% para a variante retroflexa e 18% e 16% correspondente ao número de ocorrências da variante *tap*. A propósito do *tap*, Castro (2009) questiona se essas realizações poderiam estar relacionadas à preocupação e insegurança quanto ao desempenho por parte dos informantes ao serem inquiridos. A análise mais detalhada dos dados mostra que essa é a justificativa para a realização de tal variante, uma vez que 13 das 17 ocorrências de *tap* em Campinas foram localizadas na fala de apenas um informante.

Como anunciado anteriormente, a análise dos dados desta pesquisa revelou que o /R/ caipira corresponde a 90,6 % das variantes do rótico em Campinas. Esses resultados, somados ao de Castro (2009), confirmam a vitalidade dessa variante e indicam que a previsão de Amaral (1920) está longe de se cumprir.

#### POR QUE VARIANTES NÃO PRESTIGIOSAS PERSISTEM?

Diante do resultado obtido nesta pesquisa, que aponta um considerável número de ocorrências da variante /R/ caipira – 90,6 % dos dados analisados –, há que se interrogar: por qual ou quais motivos variantes não prestigiosas persistem? Essa é mais uma pergunta difícil de responder e sempre presente na pauta dos pesquisadores, especialmente dos lingüistas e dos psicólogos sociais. Assim, vale recapitular, brevemente, algumas das reflexões e das possíveis interpretações propostas por Ryan (1979) e Milroy (1980) para essa questão.

Após analisar diversas situações caracterizadas pela persistência de variantes (regionais, étnicas, entre outras) que não sucumbem às formas consideradas como padrão, Ryan (1979) conclui que as variedades de fala não padrão persistem, basicamente, porque os falantes não têm intenção de abrir mão delas. A justificativa para agirem dessa maneira está relacionada à solidariedade que existe entre os membros dos grupos, ou seja: variedades não padrão são vistas favoravelmente quando os membros desses grupos se unem em função da preservação da identidade principalmente.

Como exemplo, cita a resistência do francês canadense, do catalão na Espanha, entre outros.

Ryan (1979) argumenta que as variedades não prestigiosas resistem, também, porque têm uma mesma função social importante, independentemente do fato de os falantes não atribuírem valores positivos a elas quando questionados diretamente.

Milroy (1980) também aponta a lealdade à comunidade local como uma resposta para a questão apresentada e discutida neste tópico. Como se sabe variedades estigmatizadas e não prestigiosas podem ser utilizadas para indicar lealdade, respeito e fidelidade à comunidade local, assim como ocorreu em Martha's Vineyard e em Belfast<sup>11</sup>. A autora propõe, ainda, que as variedades prestigiosas não devem ser interpretadas como única alternativa positiva, como se ocupassem o topo em uma escala progressiva em termos de preferência, para onde todos os falantes se voltam e desejam alcançar. Resultados como esses, lembra Milroy (1980), sugerem que:

Instead of positing a sociolinguistic continuum with a local vernacular at the bottom and a prestige dialect at the top, with linguistic movement of individuals in a generally upward direction, we may view the vernacular as a positive force: it may be in direct conflict with standardized norms, utilized as a symbol by speakers to carry powerful social meanings and so resistant to external pressures (MILROY, 1980: 19).

Nos depoimentos de dois informantes desta pesquisa (OE e LB) é possível verificar opiniões positivas e valorativas a respeito de traços da cultura caipira e mesmo do /R/ caipira. Esses informantes têm consciência do estigma conferido a esses traços, mas a estereotipização parece não ser maior do que a relação afetiva que

---

<sup>11</sup> Trata-se da série de estudos desenvolvidos por James e Lesley Milroy a partir de 1975. Nesses estudos, analisam a variação vocálica (sendo oito variáveis fonológicas) do inglês em três bairros de classe trabalhadora de Belfast, na Irlanda. Para explicar o emprego das variantes os autores recorrem à observação de redes de relacionamento existentes entre os membros dos grupos estudados. Os resultados alcançados mostram que as redes densas e do tipo multiplex – caracterizadas pelo inter-relacionamento de seus membros em diversas situações – funcionam como mecanismo de reforço dos valores lingüísticos e culturais compartilhados entre os membros desses grupos. Assim, são as inter-relações estabelecidas entre esses membros que possibilitam a manutenção, ou não, do comportamento lingüístico observado.

mantém com os elementos representativos da cultura e do dialeto caipira, como pode ser percebido no excerto abaixo:

(3)

LB (F – 37 anos): pessoalmente falando sim’ eu’ eu’ me assumo como interiorana (+) assumo MESMO /.../ eu gosto do meu jeito de falar

Entrevistadora: e no geral’ as outras pessoas’ o que você percebe”

LB (F – 37 anos): ((risos)) as pessoas não gostam muito não’ sabe” elas acham horrível’ aquela coisa de falar que ela é interiorana’ que uma caipi::ra’ acho TÃO bonito(++) é uma coisa que faz tanto parte da nossa história’ da nossa cultura’ né” e uma coisa que eu pessoalmente admiro e levo isso até como estilo de vida’ inclusive (+) é a vida simples’ e essa vida simples’ tenho quase certeza que é herança dessa::// porque nós somos fortemente rurais aqui’ com a:: toda história cafeeira’ né” (+) então assim’ até hoje a gente tem muitas fazendas assim:: ao nosso redor’ preservando essa história (+) então’ isso é muito forte dentro de mim’ e eu sei que indiretamente vem por conta dessa história aí’ então:: pra mim’ quiser me chamar de caipira ((sinaliza com os ombros como quem diz que não se importa)) eu mesma brinco quando tô conversando com as pessoas (+) ah:: eu sou caipirona assim mesmo’ repara não (+) eu gosto desse lado’ eu ajudo a preservar isso’ que é tão importante

Em relação ao aspecto lingüístico que interessa a esse estudo, os resultados indicam que a forma padrão não é o /R/ caipira. Essa não é a variante prestigiosa e nem aquela que é adotada pelos profissionais dos meios de comunicação, como telejornais, por exemplo. A exceção ocorre quando se trata de programas regionais. Entretanto, é a forma que representa uma cultura caipira – que, aliás, é cada vez mais valorizada, resgatada e reinterpretada, principalmente a partir do movimento musical.

A retomada de traços da cultura caipira, especialmente da música caipira, é fato, como demonstra, por exemplo, a matéria de Nunes (2002), veiculada no jornal Correio Popular da cidade

de Campinas. Esses traços, ao serem retomados, são reinterpretados, dando origem a novos modos de expressão. A viola caipira divide a atenção com a música sertaneja e o típico caipira – antes descrito como roceiro, ignorante, acanhado – hoje pode ser representado através do protótipo do *cowboy* americano, como se vê nas festas de rodeio pelo país e mesmo nas cidades próximas a Campinas. Exemplos como esses podem ser considerados como evidências da resignificação de traços da cultura caipira. A propósito dessa questão, Setubal (2005) sustenta que há, de fato, uma retomada, em geral positiva, do significado e da representação do caipira. Nessa retomada, indica que:

É o caipira country que, inspirado na imagem do cowboy americano, pode construir um tipo vencedor, um herói que ultrapassa a imagem do caboclo pobre, sem educação, ingênuo, preguiçoso e sempre perdedor, porque explorado e espoliado. Com a reelaboração de várias imagens tradicionais do campo, a nova ruralidade tem uma entrada muito forte no imaginário social brasileiro. É importante contextualizar essa mudança como parte de um momento em que o campo, especificamente o agrogócio, vem ganhando destaque na economia e, conseqüentemente, na mídia brasileira (SETUBAL, 2005: 67-68).

A partir do exposto, é possível verificar que não há uniformidade em relação às avaliações e julgamentos a respeito dos aspectos lingüísticos aqui apresentados. Com isso, observa-se que a variante avaliada negativamente pela maioria dos entrevistados pode funcionar como símbolo de coesão e de identidade para outros falantes que também fazem parte do falar campineiro. Com base nos depoimentos, pode-se supor que sentimentos de solidariedade e lealdade, traduzidos através de valores afetivos, podem contribuir para a manutenção de variantes estigmatizadas e não prestigiosas. Somado a isso, cabe destacar a resignificação e crescente valorização de traços que representam a cultura caipira.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ser estigmatizada, a pronúncia do /R/ caipira mantém-se ativa no falar campineiro, sendo encontrada em todas as faixas etárias investigadas neste estudo, independentemente do

grau de instrução e do sexo dos falantes. A pronúncia prestigiosa – denominada como “intermediária” – é almejada, mas não é encontrada na fala dos informantes, exceto quando políem a sua fala ou, ainda, nas poucas ocorrências da variante vogal rotacizada.

A aparente contradição entre a afirmação encontrada na maioria dos depoimentos e a pronúncia do rótico emitida por esses informantes pode ser considerada como aparente, pois os falantes costumam se referir às formas lingüísticas que consideram prestigiosas socialmente e não àquelas que, de fato, fazem parte do seu repertório lingüístico.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, A. *O Dialeto Caipira: gramática, vocabulário*. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1982 [1920].
- CALLOU, D. MORAES, J. A.; LEITE, Y. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil. In: KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do Português Falado, v. VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1996.
- CALLOU, D. MORAES, J. A.; LEITE, Y.. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *DELTA. v. 14*. São Paulo. 1998.
- CALLOU, D. MORAES, J. A.; LEITE, Y. Processo (s) de Enfraquecimento Consonantal no Português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.). *Gramática do Português Falado, v. VIII: Novos Estudos Descritivos*. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 2002.
- CARVALHO, K. C. H. P. Análise acústica das vibrantes no português brasileiro. *Estudos Lingüísticos, v. XXXII*, 2002. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/acomunic.htm>> Acesso em 03. dez. 2004.
- CARVALHO, K. C. H. P. . Estudo fonético-acústico dos róticos no português e no espanhol para uma aplicação pedagógica. In: *Estudos Lingüísticos, v.*

- XXXV, 2006, p. 1090-1096. Disponível em: <<http://gel.org.br/4publica-estudos-2006/sistema06/1264.pdf>>. Acesso em 07 set. 2006.
- CASTRO, V. S. *A resistência de traços do dialeto caipira: estudo com base em atlas lingüísticos regionais brasileiros*. 2006, 285 p. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2006.
- CASTRO, V. S. A. V. S. *O 'r-caipira' no Estado de São Paulo: estudo com base em dados do Atlas Lingüístico do Brasil (ALIB)*. Artigo inédito. Comunicação apresentada na 57ª reunião do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo – GEL – 2009.
- CUNHA, C. *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 8. ed., 1981 [1968].
- GNU GENERAL PUBLIC LICENSE (GPL). *Audacity*. Versão 1.3.5. Disponível em:<<http://audacity.sourceforge.net/>>. Acesso: 05 de maio 2008.
- GUIOTTI, L. P. *O Estudo da Variante Retroflexa na Comunidade de São José do Rio Preto*. 2002. 106 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista – UNESP, São José do Rio Preto, 2002.
- HEAD, B. F. O estudo do “r-caipira” no contexto social. *Revista de Cultura Vozes*, v. 67, n.8, 1973, p. 43-49.
- HEAD, B. F. Subsídios do Atlas Prévio dos Falares Baianos para o estudo de uma variante dialetal controvertida. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. n. 1. Campinas, 1978, p. 21-34.
- HEAD, B. F. Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos: o caso do “R caipira”. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. n. 13. Campinas, 1987, p. 5-39.
- LABOV, W. *The stratification of English in the New York city*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1982 [1966].
- LEITE, C. M. B. *Atitudes Lingüísticas: A Variante Retroflexa em Foco*. 2004, 150 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos

da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2004.

LEITE, C. M. B. 2008. *Estudo acústico de vocalização do /R/ em posição de coda silábica*. Artigo inédito (Qualificação Geral – área de Fonética/Fonologia). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2008

MILROY, L. *Language and social networks*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1987.

NUNES, J. Caipira, sim! *Correio Popular*. Campinas, 07 jul. 2002. Caderno C, p. 1-8.

RODRIGUES, A. N. *O Dialeto Caipira na Região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1974.

RYAN, E. B. Why do low-prestige language varieties persist? In: GILES, H.; St CLAIR, R. (Org.). *Language and social psychology*. Oxford: Blackwell, 1979, p. 145-157.

ROMAINE, S. *El lenguaje em la sociedad: uma introducción a la sociolingüística*. Barcelona: Editorial Ariel, 1996.

SEMEGHINI, U. C. *Do Café à Indústria: Uma Cidade e seu Tempo*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991.

SETUBAL, M. A. *Vivências caipiras: pluralidade cultural e diferentes temporalidades na terra paulista*. São Paulo: CENPEQ/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

SOARES, R. A.; LEITE, C. M. B. Um estudo do processo de apagamento de /R/ em função de fatores de ordem estrutural-contextual. In: *Anais do III Seminário de Pesquisa em Estudos Lingüísticos e III Seminário de Pesquisa em Análise de Discurso*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007. v. 1. p. 105-109.

TRUDGILL, P. *The social differentiation of English in Norwich*. London: Cambridge University Press, 1974.